

# Objetivação e essência genérica em Ludwig Feuerbach

**João Batista Mulato Santos**

*Universidade Federal do Ceará*

## INTRODUÇÃO

O filósofo alemão Ludwig Feuerbach (1804-1872) ainda é pouco conhecido no Brasil, mas isso não quer dizer que suas obras sejam portadoras de irrelevante significação para a filosofia. Feuerbach geralmente é associado à corrente filosófica do materialismo científico, muito difundida no século XIX, e a pensadores como Karl Marx e Friedrich Hegel. Este último foi seu grande mestre que, entretanto, o filósofo tornou-se um de seus maiores críticos.

Podemos seguramente afirmar que a religião cristã, que é o objeto de estudo desta pesquisa, é também o principal objeto de críticas do pensador. Ela é analisada por sua teoria da objetivação na qual ele ressalta a importância dos objetos para compreensão da essência humana e desta forma torna-se seu principal meio ou até mesmo o único instrumento para esta análise.

Na filosofia feuerbachiana os objetos possuem grande relevância, sejam eles materiais ou espirituais, devido ao fato de servirem de intermédio para que o homem tenha consciência daquilo que lhe é mais íntimo. Os objetos sensoriais ou espirituais são o meio pelo qual o homem consegue ter acesso à sua essência.

A essência do homem é primeiramente exteriorizada para que em seguida ele possa encontrá-la dentro de si mesmo. Quando os objetos pelo qual o homem identifica sua essência são materiais, isto é, sensoriais, estes objetos possuem uma diferença em relação ao homem, o que os torna facilmente identificável e discernível. Os objetos servem de espelho para que o homem tenha um conhecimento concreto a respeito de sua essência, ou seja, daquilo que ele é. Mas quando os objetos são espirituais ou religiosos, então há uma enorme dificuldade para desassociá-los do homem, pois eles se encontram na própria consciência humana. No objeto sensorial o homem pode ser facilmente separado dele, uma vez que este tipo de objeto se encontra fora deste. Enquanto no objeto espiritual ou religioso é mais difícil discerni-lo do homem, pois a consciência que o homem tem de si mesmo é o que dá origem ao próprio objeto no qual ele exterioriza sua essência. Faz-se necessário reforçar a ideia que a consciência que o homem tem de si mesmo é o que origina o objeto religioso, no entanto essa consciência não é reconhecida por ele como algo projetado no objeto exterior, isto é, Deus e que volta para si mesmo como algo alheio a ele.

A essência do homem é o que lhe há de mais íntimo, mas ele não tem acesso direto a ela. Desta forma, ele só pode conhecê-la por meio daquilo que lhe é exterior, quando ela é revelada através dos objetos. Para Feuerbach, esses objetos estão presentes na relação do homem com a natureza, pois é através desta relação do homem-natureza e consequentemente com os objetos, sejam eles materiais ou espirituais, que realmente se conhecer seus segredos mais íntimos.

O objeto com o qual o sujeito se relaciona essencial e necessariamente nada mais é que a essência própria, objetiva deste sujeito. Se este for um objeto comum a muitos indivíduos diversos quanto à espécie, mas iguais quanto ao gênero, então é ele, pelo menos na maneira em que ele for um objeto para esses indivíduos conforme a diferença deles, um ser próprio, porém objetivo.<sup>1</sup>

O trecho supracitado tem o intuito de demonstrar como a essência objetivada de um ser é projetada em um objeto, sendo este um elemento necessário e obrigatório para ser conhecida tal essência, isto

---

<sup>1</sup> FEURBACH, L. *A Essência do Cristianismo*, p. 46.

é, a partir da relação de um ser com o objeto é que se encontra a relação deste ser com ele mesmo. Os objetos, na verdade, são um espelho pelo qual a essência de um ser é projetada e refletida para ele mesmo para que desta forma o homem tenha contato, ainda que indireto, com aquilo que ele realmente é. Feuerbach usa como exemplo no livro *A Essência do Cristianismo* (1841) a relação da Terra com o Sol.

O sol é o objeto comum dos planetas, mas a maneira como ele é objeto para Mercúrio, para Vênus, Saturno ou Urano ele não é para a Terra. Como Planeta tem o seu próprio sol. O sol que e como ilumina e aquece Urano não tem existência física (somente astronômica e científica) para a Terra; e o Sol não só aparece de outra forma, ele também é realmente em Urano um sol diferente do da Terra.<sup>2</sup>

Nesse exemplo, Feuerbach coloca o objeto que é comum a outros seres como sendo o objeto pelo qual todos eles, os planetas, revelam sua essência, no entanto a essência de cada planeta não é a mesma, e tal diferença é conhecida exatamente devido à relação que cada planeta, com sua essência distinta, tem com o objeto, embora seja o mesmo em comum, não o é para cada planeta devido a relação deste com cada um daqueles que revelam sua essência por tê-lo como objeto. O Sol que banha a terra não é o mesmo que atinge a superfície de Urano, mas a relação entre o Sol e a Terra não é o determinante para a Terra cuja essência só é conhecida através do Sol.

Por isso é a relação da Terra com o sol ao mesmo tempo uma relação da Terra consigo mesma ou com a sua própria essência, porque a proporção da grandeza e da intensidade da luz com a qual o sol é um objeto para a Terra é a proporção da distância que determina a natureza própria da Terra. Todo planeta tem por isso no seu sol o espelho de sua própria essência.<sup>3</sup>

Então podemos concluir que a relação do ser com o objeto consiste, concomitantemente, na relação do ser com ele mesmo sendo exatamente devido à existência do objeto que se torna possível tal relação.

---

<sup>2</sup> Ibid., p. 46.

<sup>3</sup> FEUERBACH, L. *A Essência do Cristianismo*, p. 46.

A consciência que se tem daquilo que nos é exterior e nos permite conhecer algo que nos é interior, íntimo, é o mesmo que a consciência que temos de nós mesmos.

A essência que é revelada através do objeto é em si mesma perfeita. Feuerbach fundamenta esta perfeição não à toa, mas por ela ser o fundamento de si mesma. Qual é a essência do homem? Vontade, razão e coração. Por que o autor se refere a elas como algo perfeito? Somente pelo fato de terem sua finalidade em si mesmas. Mas se são finalidades em si mesmas, então não seria dispensável a existência de objetos para revelá-las? De acordo com o pensamento do filósofo, não. Pois os objetos são exatamente aquilo que torna possível que a essência do homem possa ser conhecida, ou seja, é como se eles fossem um espelho para a própria essência humana que, uma vez projetada, possa se voltar para o próprio homem e desta forma ser conhecida.

O homem para Feuerbach, nada é sem objetos, pois sua essência não tem consciência de si mesma diretamente, assim faz-se necessário que, para o homem conhecer sua essência, ele deve ter contato com aquilo que o permite alcançar tudo o que lhe é mais íntimo, interior, o que se torna possível somente por meio do que lhe é exterior, isto é, os objetos.

Feuerbach quer dizer que o objeto da religião, exatamente por ser um objeto encontrado no próprio indivíduo, está entrelaçado neste de uma maneira que se torna praticamente impossível distingui-lo do homem sem o uso de um juízo crítico.

O objeto sensorial é em si um objeto indiferente, independente da intenção, do juízo; mas o objeto da religião é um objeto mais selecionado: o ser mais excelente, o primeiro, o mais elevado; pressupõe essencialmente um juízo crítico para distinguir entre o divino e o não divino, o adorável e o não adorável.<sup>4</sup>

Por se encontrar na própria consciência que o homem tem de si, o objeto religioso expressa, como nenhum outro, aquilo que há de mais profundo no homem. Deus é esse objeto da religião, logo, ele representa, enquanto símbolo, o pensamento, a intenção, o valor e o próprio conhecimento que o homem tem de si mesmo até aquilo que almeja um dia alcançar e quando separamos Deus do homem separamos o homem dele mesmo.

<sup>4</sup> FEURBACH, L. *A Essência do Cristianismo*, p. 46.

Como o homem pensar, como for intencionado, assim é o seu Deus: quanto valor tem o homem, tanto valor e não mais tem o seu Deus. A consciência de Deus é a consciência que o homem tem de si mesmo, o conhecimento de Deus o conhecimento que o homem tem de si mesmo. Pelo Deus conheces o homem e vice-versa pelo homem conheces o seu Deus; ambos são a mesma coisa.<sup>5</sup>

Feuerbach deixa claro que o homem religioso não tem consciência direta de si enquanto ser religioso. Como já foi dito anteriormente, o homem não tem conhecimento direto de sua essência, a não ser através dos objetos. Este fato se revela como um primeiro aspecto que é fundamental para a existência da religião. É exatamente o fato do homem não saber que aquilo que lhe é mais íntimo e essencial está sendo projetado em algo que ele considera como totalmente alheio, diferente e diverso de si mesmo é o que torna possível a existência da religião de um modo bastante peculiar.

[...] Não deve ser aqui entendido como se o homem religioso fosse diretamente consciente de si, que a sua consciência de Deus é a consciência que tem de sua própria essência, porque a falta da consciência deste fato é o que funda a essência peculiar da religião.<sup>6</sup>

A essência peculiar da religião se encontra exatamente neste fato. O homem não consegue se encontrar enquanto homem no objeto da adoração que parecer ser absolutamente alheio a ele. Para ele a consciência que se tem de Deus é a consciência de um outro ser. É devido a este fato que a religião se firma como o primeiro conhecimento que o homem tem de si mesmo, embora que de maneira indireta, precedendo até mesmo à filosofia. O ser que expressa tudo aquilo que ele é e o pressupõe, não é reconhecido por ele como algo oriundo de si mesmo. Deus somente se firma como algo exterior ao homem porque o homem não percebe em Deus a sua própria essência, tudo aquilo que ele é e que o fundamenta enquanto gênero. A consciência que se tem da religião é a consciência de algo alheio ao homem, mas que surge de fora para dentro do homem, como algo que se apodera intimamente dele.

---

<sup>5</sup> Ibid., p.55.

<sup>6</sup> Ibid., p. 55.

Feuerbach encontra na religião a essência infantil do homem porque ela é a primeira consciência que ele tem de si mesmo e do mundo que está à sua volta sem se dar conta que a essência desta consciência divina se encontra nele mesmo. *A religião é a essência infantil da humanidade; mas a criança vê a sua essência, o ser humano fora de si – enquanto criança é o homem objeto para si mesmo como um outro homem* (FEUERBACH. 1988, p. 56).

Desta forma, isso significa que os dois seres, pai e filho, compartilham a mesma origem, sendo este último o responsável pela existência do primeiro e não o contrário. Por não reconhecer sua essência como algo objetivado, o homem a vê como a essência de um outro ser distante dele. A cada nova religião tudo aquilo que era tido como um objeto distante do homem acaba por se tornar algo cada vez mais próximo de seu íntimo, ou mesmo subjetivo, tornando a essência de um ser alheio e diverso uma essência cada vez mais semelhante e profunda, mas que na verdade é sua própria essência que retorna para si mesma através de um objeto espiritual. Portanto, pode-se concluir que a consciência humana que se tem de Deus nada mais é que uma consciência que o homem tem dele mesmo, embora de maneira indireta e que só é possível de ser conhecida através deste objeto religioso ou espiritual.

## REFERÊNCIAS

- FEUERBACH, Ludwig. *A Essência do Cristianismo*. Campinas, SP: 1988.
- REDYSON, Deyve. CHAGAS, Eduardo F. *Ludwig Feuerbach: Filosofia, Religião e Natureza*. São Leopoldo, RS: Nova Harmonia, 2011.
- CHAGAS, Eduardo F. REDYSON, Deyve. *Homem e Natureza em Ludwig Feuerbach*. Fortaleza: Edições UFC, 2009.